

## CIDADES

Of-*Educação*

## FUNCIONALISMO

Grevistas terão salário reduzido no pagamento do mês de março

José Varella/CB/12.3.05



PROTESTO DE ESTUDANTES DO SETOR LESTE: EM DEFESA DA EDUCAÇÃO

# Professor terá corte imediato

CECÍLIA BRANDIN

E DARSE JÚNIOR

DA EQUIPE DO CORREIO

**O**s professores em greve sentirão o impacto do corte no ponto já no salário referente ao mês de março. Pela sistemática anterior, os dias não trabalhados só eram descontados após 60 dias, mas com a automatização do sistema de pagamento da folha o tempo foi reduzido. A diretoria do Sindicato dos Professores do DF (Sinpro) pretende agendar uma rodada de negociações, mas o governo mantém o posicionamento firmado no início da semana. Só voltará a dialogar com a categoria quando a paralisação terminar. O futuro da queda-de-braço será definido na próxima terça-feira, 15, na assembleia geral marcada para as 9h30h no estacionamento do estádio Mané Garrincha.

O aumento de 8% previsto no plano de carreira de 2003 será acrescentado já nos vencimentos referentes ao mês de março. A segunda parcela deste ano está prevista para setembro, num reajuste total de 17%. Mas, para os profissionais que aderiram ao movimento, o acréscimo não terá tanto efeito. O valor descontado por cada dia sem aula varia de R\$ 106

a R\$ 4, nos salários dos concursados com dedicação exclusiva e jornada de trabalho de 40 horas semanais. A variação depende do valor dos vencimentos. A greve foi decretada na última terça-feira, 8, e o ponto passou a ser cortado no dia seguinte.

De acordo com a diretoria do Sinpro, a postura governamental tem surtido efeito contrário. "Queremos receber uma proposta efetiva, as ameaças só aumentarão a greve", acredita o diretor de Saúde do Trabalhador do Sinpro, Washington Dourado. "Não haverá conversa enquanto houver greve. Já tínhamos combinado isso", afirma o porta-voz do GDF, Paulo Fona.

A diretoria do sindicato e a governadora em exercício, Maria de Lourdes Abadia, se reuniram na segunda-feira à tarde. Na ocasião, Abadia destacou que os diálogos seriam interrompidos se houvesse paralisação.

O comando de greve e a diretoria do sindicato se reuniram ontem à noite para decidir os ru-

mos do movimento. Eram 76 participantes de diversas regiões. Eles apresentaram levantamento do sindicato que aponta a adesão de 60% da categoria à paralisação. Pelas contas do governo, porém, só de 6% a 8% da categoria cruzaram os braços. Em algumas cidades como Ceilândia, o percentual é ainda inferior. Na maior cidade do Distrito Federal há 1.810 professores e só 68 (3,7%) pararam, pelos dados oficiais. O Sinpro explica a diferença pelo quantitativo usado como base. "Eles trabalham com os 28 mil professores que estão na ativa e nós calculamos com os 18 mil que trabalham efetivamente em sala de aula", explica Dourado.

## Manifestação

Durante a manhã, estudantes do Centro Educacional Setor Leste protestaram em frente ao

Congresso Nacional pela falta de professor em sala de aula.

"Não estamos contra os professores, até porque não tem como ser um bom profissional sem ter um salário digno. A nossa luta é por nós e por eles", disse Tiago Araújo, 16, aluno do 2º ano do Ensino Médio.

Vestindo preto, cerca de 15 estudantes formaram um círculo no gramado em frente à rampa e disseram que repetirão o protesto até que o governo conceda o reajuste.

"Estamos em luto porque estão matando a educação. O governo tem que tomar uma atitude porque nós é que estamos sendo prejudicados", reclamou Priscila Castro Alves, 17, do 3º ano do Ensino Médio.

Os professores também aproveitaram o dia para fazer piquetes em escolas de Taguatinga, Sobradinho, Gama e Plano Piloto. A principal reivindicação dos servidores é o

reajuste salarial de 18%. O GDF alega que este ano será concedido, em duas etapas (março e setembro) aumento médio de 17%. O percentual

estava previsto no Plano de Carreira da categoria, aprovado em 2003, pelo qual receberam um primeiro aumento em

março de 2004. Mas os grevistas não aceitam o argumento, porque consideram o plano

um acordo para alinhar a remuneração dos professores,

que estariam com os salários defasados em relação a outros servidores.

“**NÃO HAVERÁ CONVERSA ENQUANTO HOUVER GREVE. JÁ TÍNHAMOS COMBINADO ISSO**”

Paulo Fona,  
porta-voz do GDF